

RELATO DE EXPERIÊNCIA

UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES/AS DE UMA UNIDADE ESCOLAR DA REDE DE ENSINO PÚBLICO DA CIDADE DE SÃO CARLOS-SP SOBRE CONSTRUÇÕES E SENTIDOS ACERCA DO TEMA HOMOSSEXUALIDADE

Hamilton Édio dos Santos Vieira
UFSCar (Campus São Carlos)-SP

Resumo: Observações feitas com professores/as de uma escola pública em São Carlos-SP, sobre situações cuja temática eram suas construções e sentidos acerca da homossexualidade. A experiência ocorreu em um HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), na perspectiva de um estudo de caso tipo etnográfico (MACEDO, 2006), e de abordagens sobre sexualidade, diversidade sexual e educação (ADELMAN, 2000; DINIS, 2008; FOUCAULT, 1996; FURLANI, 2003; GOIS, 2003; JUNQUEIRA, 2010; LOURO, 2008 e MISKOLCI, 2000), com um grupo de vinte professores/as envolvidos. Na primeira parte cada um criaria construções relacionais entre figuras geométricas nomeadas *masculino* e outras *feminino*. Após registro, foram projetadas 19 imagens que exigiam um registro espontâneo de cada um acerca de suas impressões. A experiência assentou na possibilidade de reflexões de quanto o tema é entremeado de teias minuciosas de relações de poder, significados, manutenção de regras e naturalização da heteronormatividade na escola.

Palavras-chave: homossexualidade; educação; construção de sentidos

Nós vos pedimos com insistência:
não digam nunca “isso é natural”
Bertolt Brecht

Da vontade de saber

Tratar do tema homossexualidade na escola e sua relação com a educação através do corpo docente poderia parecer num primeiro tempo, uma conclusão rápida e certa, de que, claro, existe homofobia e violência (seja simbólica ou física).

Na escola, o currículo, as disciplinas, as normas regimentais, as formas de avaliação, os materiais didáticos, a linguagem, constituem-se em instâncias que refletem e produzem as desigualdades de gênero, de sexo, de raça, etc., e podem incentivar o preconceito, a discriminação, o sexismo. (FURLANI, 2003, p. 69)

Porém, o ponto inicial dessa reflexão indica o quanto ainda há para se discutir sobre a questão da diversidade sexual dentro das escolas, a partir de observações feitas em sala de professores/as de uma Unidade Escolar da rede de ensino público da cidade de São Carlos, no estado de São Paulo marcados em debates acalorados e um mundo riquíssimo de significações e representações sobre a questão. Hall (2006) discute a mudança estrutural que tem transformado as sociedades nos últimos tempos e que isso “(...) está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade [...]” (p. 09)

Procuo desenvolver uma experiência próxima de um estudo de caso do tipo etnográfico, considerando que “é a possibilidade de fornecer uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa, composta de múltiplas variáveis” (ANDRÉ, 2005, p. 33) capaz de captar a diversidade de construções acerca da homossexualidade pelos/as professores/as no contexto do cotidiano escolar.

(...) de modo que o leitor possa descobrir novos sentidos, expandir suas experiências ou confirmar o que já sabia. (...) ajude a compreender a situação investigada e possibilite a emergência de novas relações e variáveis, ou seja, que leve o leitor a ampliar suas experiências. (...) revele pistas para aprofundamento ou para futuros estudos. (ANDRÉ, 2005, p. 34)

Inquietações ainda mais estimuladas pela ACIEPE (Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão)¹ “Leituras de si e dos outros: novos olhares e novas perspectivas” que realizei no primeiro semestre de 2010 como extensão universitária aberta também a comunidade de professores da rede oficial de ensino público e privado, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pelos debates a partir de textos de HALL (2006), FREIRE (2002) e BENJAMIN (1994), tratando sobre identidade pós-moderna, a “invasão” em conhecer o outro e a narrativa como resgate da unidade.

Para que nada se passe por natural

Com uma idéia, dirigi-me à Unidade Escolar selecionada principalmente a partir de minha própria vivência na mesma e como sujeito/ator do mesmo contexto. Foi proposto aos professores/as durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) vivenciar

¹ “(...) é uma experiência educativa, cultural e científica que, articulando o Ensino, a Pesquisa e a Extensão e envolvendo professores, técnicos e alunos da UFSCar, procura viabilizar e estimular o seu relacionamento com diferentes segmentos da sociedade.(...)” (Disponível em < <http://www.ufscar.br/aciepe/>> Acesso em 20 mar 2011). A ACIEPE ocorreu sob a coordenação da Profa. Dra. Luzia Sigoli Fernandes Costa.

essa experiência sobre sexualidade, subjetividades e diversidade sexual na educação através de projeções e registros feitos por eles/as em material previamente distribuído por eu/pesquisador (junho/2010).

As técnicas projetivas, segundo Macedo (2006), dialogam com a idéia de apreender sentidos e significados que se entranham pelo campo da subjetividade do sujeito, o que dificulta muitas vezes na coleta de informações de experiências, como a dos/as professores/as sobre suas construções acerca do que constitui a homossexualidade, que conforme a experiência percebeu-se recheado de receios, medos de se expor e silêncios. Consideramos que as projeções são “(...) um recurso psicossociológico no qual o sujeito percebe o meio ambiente e lhe responde em função de suas vivências, perspectivas, desejos, ideologias, etc.” (MACEDO, 2006, p. 118).



Figura 1 – Início da atividade

Após identificar os objetivos e estabelecer a parceria ética entre todos/as, apresentou-se as tarefas a serem realizadas pelos/as professores/as participantes.

O primeiro momento foi solicitado através da projeção de *slides*, a construção de relações afetivas com o uso de figuras geométricas (Figura 2 e 3) distribuídas ao número de cinco a cada um/a dos/as professores/as participantes, com o termo masculino e feminino. O exercício abriria espaço para que se construísse relações possíveis segundo o que cada um pensava estabelecer com essas figuras, considerando que “(...) ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura.” (LOURO, 2008, p.18).

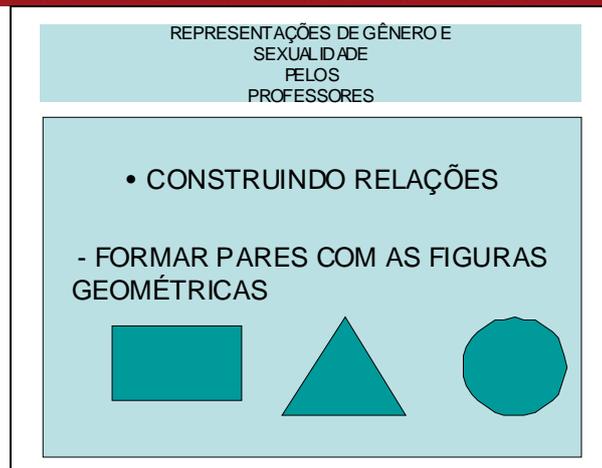


Figura 2 – Reprodução da apresentação



Figura 3 – Exemplo das figuras

De 20 participantes, apenas seis desses, construíram relações entre feminino/feminino (02) e masculino/masculino (04). Porém, esses mesmos seis, descartaram ainda uma das figuras geométricas e construíram a segunda relação com masculino/feminino ou feminino/masculino.

Inegável a presença marcante do discurso da heteronormatividade, que também é ensinado nas escolas e reiterado nas manifestações dos/as professores/as em seu cotidiano docente, tendo em vista que a “(...) construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, (...) é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais.” (LOURO, 2008, p. 18).

Na figura abaixo (figura 4), observa-se a construção alusiva a uma casa, entre o masculino como base e o feminino como o teto, e essa construção totalmente inesperada

por mim feita por uma professora, no sentido de não imaginar que se criariam outras formas simbólicas com as figuras, nos faz pensar o quanto é presente a idéia de lar, casa, a dada “normalidade” do que seja uma relação, descartando qualquer outro tipo de relações, como por exemplo, um lar homoafetivo, ou mesmo a ausência de um lar, e apenas uma relação sem a necessidade de casamento, casa ou filhos.



Figura 4 – Registro de uma professora

Trata-se de construções sociais naturalizadas no campo da subjetividade por meio de processos sociais amplamente divulgados e tratados como normatizadores. Penso em Foucault (1996) e a idéia de “dispositivo da sexualidade”, onde se entende como “práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer ‘verdades’ a respeito do corpo e seus prazeres.” (FOUCAULT, 1996, p. 244). Ou seja, tudo que possa sair do discurso naturalizado da heteronormatividade deve ser esquecido, apagado ou criado outros mecanismos que o realoquem de volta a norma.

A norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos. Daí, por que a norma se faz penetrante, daí por que ela é capaz de se ‘naturalizar’. (LOURO, 2008, p. 22)

Apesar de que a mesma representação de uma casa aparece em outro momento numa relação masculino/masculino, como notamos na figura 5. Pode-se indicar aqui o

quanto o conceito de casamento, formação de um lar e conseqüentemente família, alcançam outras formas de relações, como as homossexuais. Mais uma vez, aspectos da heteronormatividade se fazem presentes.

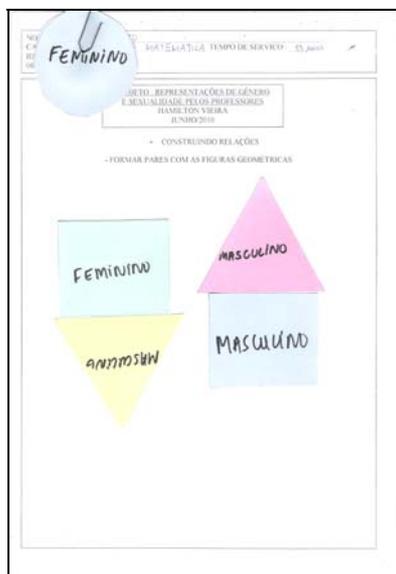


Figura 5 – Representação de uma professora

Durante a atividade, a filha de uma professora se encontrava na sala, e solicitou-me a sua participação, o que prontamente lhe atendi ao pedido, pois seria muito rico alguém de fora do grupo expressar-se, ainda mais uma criança de nove anos (ver figura 6).



Figura 6 – Representação da filha de uma professora

Ela não descarta uma das figuras, como todos fizeram, mas a inclui, mesmo que sozinha no espaço destinado ao registro, e atribui uma interessante construção dos pares, sem questionar ou mesmo perguntar se era correta a forma como demonstrara, e em conversa com a mesma, disse que apenas “combinara” (sic) as figuras semelhantes, vê-se que a chamada diferença “(...) produzida através de processos discursivos e culturais” (LOURO, 2008, p.22) torna-se “ensinada”.

Também registro as falas que eventualmente acabavam por emergir, num desejo de coletivizar aquele momento, como o fato de uma professora justificar-se em descartar uma figura masculina, considerando estar farta da figura masculina/homem. Ou mesmo, um professor, que perguntou se poderia colocar uma figura masculina com duas femininas, pois assim, o “cara” (sic) seria feliz, coisa que não o fez.

A segunda parte da experiência consistia em projetar imagens escolhidas através da internet, especificamente fotografias, do não-verbal. Segundo Macedo (2006, p. 122),

(...) o não-verbal não substitui o verbal, é bom que se diga, mas convive com ele, ou seja, as palavras ou frases que nele podem aglomerar-se perdem sua hegemonia logocêntrica para apoiar-se ou compor-se com o visual, com o sonoro, numa nivelção e transformação de todos os códigos.

Esse momento constituía-se em projetar 19 imagens pré-selecionadas, e que sem discussões ou comunicação entre o grupo, cada um deveria escrever três palavras que lhe ocorressem espontaneamente sobre aquela imagem.

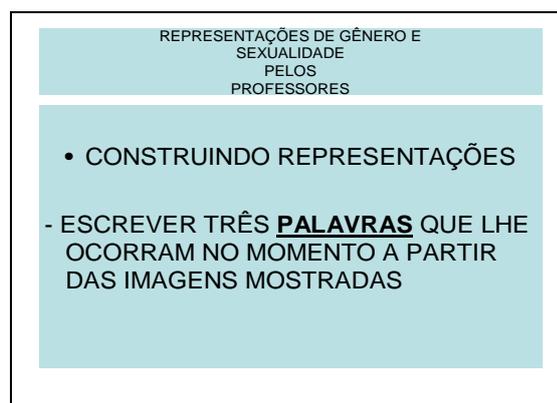


Figura 7 – Apresentação da atividade

Seria impossível nesse relato apresentar cada uma das imagens ou mesmo as palavras que emergiram, mas em linhas gerais, gostaria de registrar a dinâmica do momento da atividade, que não se registra no papel, mas sim em nossa memória.

Quando as imagens se relacionavam a instâncias que mostravam fácil identificação do grupo, como um casal heterossexual se beijando, era quase que instantâneas as respostas e a solicitação para a próxima imagem.

Porém, em contraponto, o silêncio mais interessante a se registrar foi da imagem aqui reproduzida na Figura 8, à foto da Associated Press que mostra o beijo entre o líder soviético Leonid Brezhnev e Erich Honecker, presidente da República Democrática da Alemanha, na celebração do 30º aniversário deste país em 1979. Vale dizer, que não lhes foi dada essa informação.



(Fonte: <http://notasaocafe.wordpress.com/category/fotografia-ao-cafe/page/2/>)

Figura 8

Num primeiro momento, o burburinho estendeu-se pela sala, rompera-se o silêncio de alguns instantes até que se ouve alguém comentar que “estava demorando” (*sic*). Em seguida, um professor adianta que poderia ser o “hábito cultural” (*sic*) de algum país (Figura 9), é interessante observar que nos registros, aparece uma explicação “cultural” (indicadas nas figuras 10 e 11). É muito instigante perceber nesse momento certo “reorganizar” do coletivo, como que num “suspiro de alívio”, e por incrível que pareça em unísono o aviso que se poderia projetar a próxima imagem. Acrescenta-se aqui o fato de que os/as professores/as trabalham com seu saber, que “(...) é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc.” (TARDIF, 2010, p.11).

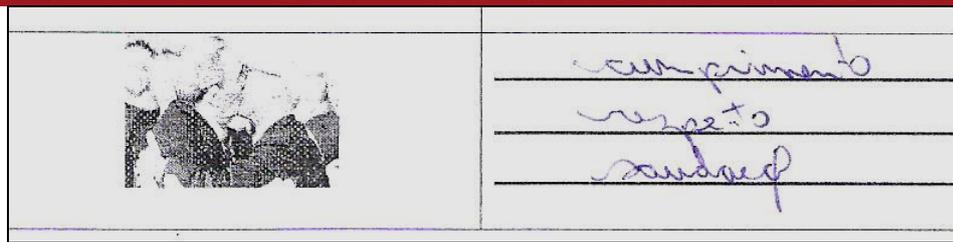


Figura 9 – Resposta do professor

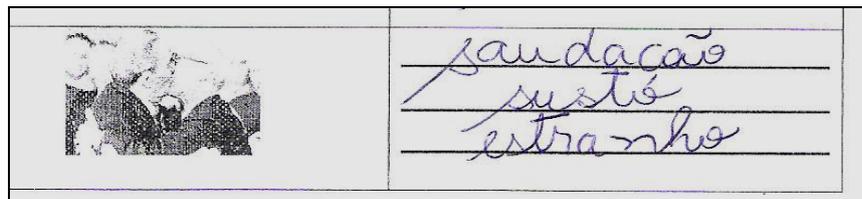


Figura 10 – Registro de outra professora

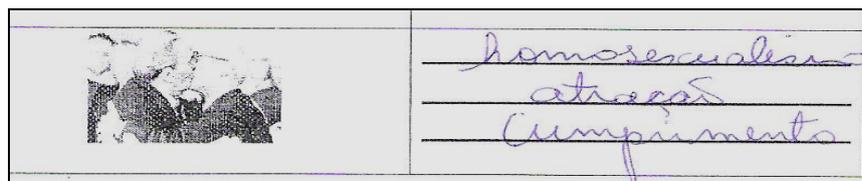


Figura 11 – Registro de mais uma professora

Sobre esse momento tão peculiar e instigante, que perpassa exatamente sobre a reiteração da norma dentro do conceito heterossexual de dois homens nunca se beijarem, a imagem suscita um estranhamento justamente por não condizer com uma idéia de homem naturalizada pelos mais diferentes ambientes do tecido social, e o que é mais agravante, justamente a falta de informação sobre o que poderia ser um aspecto cultural, acaba sendo repreendido por suspender a regra, criando marcas de diferença, como tão bem apresenta Louro (2008) ao considerar que

continuamente, as marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais. Se, hoje, as classificações binárias dos gêneros e da sexualidade não mais dão conta das possibilidades de práticas e de identidades, isso não significa que os sujeitos transitem livremente entre esses territórios, isso não significa que eles e elas sejam igualmente considerados. (Op. cit., p.22)

E os/as professores/as não se alheiam a esse aspecto, haja vista que é no espaço escolar que as diferenças também são produzidas ou reiteradas, ou mesmo construídas e fortemente marcadas pela regra da manutenção.

A prática da observação e a análise da trama miúda do cotidiano escolar podem revelar um conjunto infinito de situações e procedimentos pedagógicos e curriculares (ora mais explícitos, ora mais implícitos, e, de toda a sorte, “em ação”), estreitamente vinculados a processos sociais por meio dos quais se desdobra e aprofunda a produção de diferenças, distinções e clivagens sociais que interferem, direta e indiretamente, na formação, no desempenho escolar de cada um/a e na desigualdade da distribuição do “sucesso” e do “fracasso” escolar. (JUNQUEIRA, 2010, p. 3)

Histórico de lutas pelo direito de visibilidade e cidadania, os movimentos que defendem a luta por direitos dos/as homossexuais e suas garantias por lei (DINIS, 2008; MISKOLCI, 2007; GÓIS, 2003 ; ADELMAN, 2000) , não se esmaecem dentro dos muros das escolas. A atuação de professores/as em seu fazer docente assenta-se em experiências trazidas consigo (TARDIF, 2010), portanto, não existe a ilusão de que ao atravessar os portões para dentro da escola, a questão dos constructos sobre homossexualidade pelos/as professores/as fiquem para fora dessa teia de relações construídas cotidianamente na escola.

Para concluir

Assim, ao configurar-se uma idéia de “masculinidade hegemônica”, que para Junqueira (2010, p. 8) nega “(...) uma gama de possibilidades de construção e de expressão de masculinidades (...), inclusive nas escolas, —especialmente ao classificarem seus estudantes como ‘bons’ e ‘maus’, reforçando hierarquias de classe, raça/etnia e gênero.” , limita-se a liberdade de construção de vias alternativas e novas possibilidades, ao mesmo tempo em que abastece a falsa sensação de que manter a norma vigente garante “poder ao macho”. Serve-se apenas de limbo para que junto a essa questão, agregue-se a ausência de liberdade, a opressão e a violência, que pode atingir qualquer um.

Desse ponto de vista, podemos acrescentar que o outro não é apenas um outro eu (homem, mulher, homossexual, heterossexual...) com o qual devo criar um exercício de vizinhança baseado na filosofia do

politicamente correto. O outro é tudo aquilo (humano, não-humano, visível, não-visível) que me arranca da pretensa estabilidade de uma identidade fixa (um modo padronizado de pensar, sentir e agir), provocando-me um incessante convite para diferentes formas de ser-estar no mundo. (DINIS, 2008, p. 486)

Para além de uma política do apenas “politicamente correto” ou da “tolerância”, onde os/as homossexuais não precisem “(...) dedicar-se a mostrarem dispostos a imitar condutas ou atitudes convencionalmente atribuídas a heterossexuais”(JUNQUEIRA, 2010), e dessa forma ser inserido numa falácia de “inclusão”, quando na verdade, como percebemos a convivência está em aceitar pelo sucesso, por exemplo, quando projetada uma foto do jogador de futebol Richarlyson (ver Figura 12 e Figura 13). Ainda Junqueira, trata da questão de tal aceitabilidade para os/as homossexuais se dá principalmente ao cumprir o chamado sucesso, o alcance de uma vida próspera e bem sucedida, e de certa forma, então, estaria “justificada” a “estranha sexualidade” da pessoa.



(Fonte: <http://mesaquadrada.net/blog/wp-content/uploads/2010/09/richarlison.jpg>)

Figura 12 – Reprodução da imagem projetada

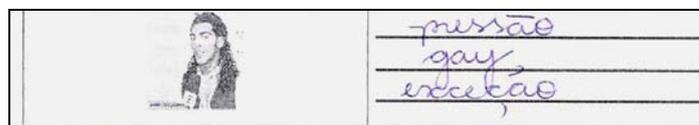


Figura 13 – Resposta de uma professora

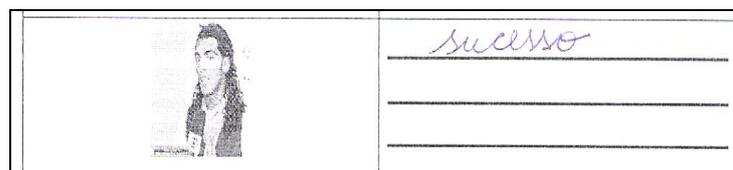


Figura 14 – Resposta de outra professora

Ou mesmo descategorizar a homossexualidade pelo viés da alegria, do humor (ver Figura 15, Figura 16 e Figura 17), realocando e (re?) construindo sentidos tão discriminadores quanto, por exemplo, a agressão física, ao dizer que muitos homossexuais masculinos são divertidos, e por isso seria fácil aceitá-los em convívio. Não descarte aqui a questão da influência da mídia em muitos programas televisivos, principalmente humorísticos, que corroboram essa construção.



(Fonte: <http://cidadesaopaulo.olx.com.br/drag-queen-eventos-11-3442-4424-iid-8822197>)

Figura 15 – Reprodução da imagem projetada

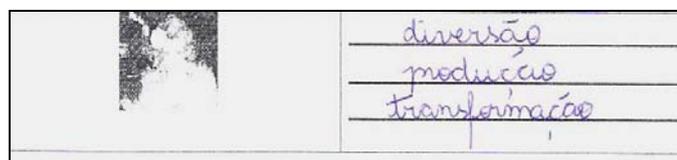


Figura 16 – Resposta de uma professora

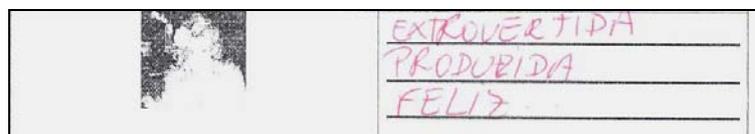


Figura 17 – Resposta de um professor

O respeito não parte de um gesto humanitário, como defende Junqueira (2010), mas sim de ter o outro como sujeito próprio, portador de direitos e de exercício de sua cidadania, de ser visível e respeitado com justiça. O autor também atribui que o peso de uma lei em nada significa se as pessoas não engendram mudanças em seu entorno.

Por isso a importância de se trazer o tema homossexualidade aos portões da escola, na sala dos/as professores/as, e buscar questões suscitadas pela diversidade sexual que borbulha na escola, e também se constituem como parte da formação de todos/as envolvidos/as na educação. Fica assim claro que,

(...) discutir a questão da diversidade sexual e de gênero não seria apenas uma condição particular pertinente a grupos minoritários especiais e, portanto, algo a ser ignorado por um currículo que visa atender a maioria heterossexual que frequenta o espaço escolar. (...) é justamente o desafio que deve ser enfrentado pelos/as próprios/as educadores/as. (DINIS, 2008, p. 486)

Referências Bibliográficas

ADELMAN, M. *Paradoxos da Identidade: a política de orientação sexual no século XX*. IN: Revista de Sociologia e Política, n. 14, Curitiba, Jun, 2000(p. 1 a 14). Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782000000100009&script=sci_arttext> Acesso em: 30 abr 2010.

ANDRÉ, M.E.D.A. *Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa, vol.13).

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 29, n.103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em : 20 set. 2010.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FREIRE, P. Extensão e invasão cultural. IN: FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 12. ed., São Paulo:Paz e Terra, 2002.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. IN: LOURO, G.L., NECKEL, J.F. ; GOELLNER, S. V. (org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GÓIS, João Bosco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n.1, Florianópolis, jan./jul. 2003. Disponível em: <http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100021&Lang=PT> p. 1 a 9. Acesso em: 30 abr.2010.



JUNQUEIRA, R. D. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. *Espaço do currículo*, v.2, n. 2, pp. 208-230, setembro de 2009 a março de 2010. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/viewFile/4281/3238>> Acesso em 12 mar. 2011.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, v. 19, n. 2 (56), maio/ago, 2008, p. 17 a 23. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a08v19n2.pdf>> Acesso em 24 mai. 2010.

MACEDO, R.S. *Etnopesquisa crítica, Etnopesquisa-formação*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MISKOLCI, R. Fronteiras em discussão. *Revista de Sociologia e Política*, n. 29, Curitiba, Nov. 2000, p. 1 a 4. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782007000200016&script=sci_arttext> Acesso em 20 jun. 2010.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e formação profissional*. Trad. Francisco Pereira. 10.ed., Petrópolis: Vozes, 2010.